

GT 2  
POÉTICAS VISUAIS E PROCESSOS DE CRIAÇÃO

**Experimentos visuais em meios tecnológicos: processos e perspectivas de criação no universo das imagens**

Luciana Azambuja Alcântara  
Reinilda de Fátima B. Minuzzi  
*Universidade Federal de Santa Maria*

RESUMO

Este artigo tece questões do atual contexto que tange o universo das poéticas contemporâneas, pautadas nos experimentos artísticos que adentram o viés da arte e tecnologia, ressaltando as perspectivas de criação, processos formativos, transformações e manipulações da imagem. Estes perpassam por diversos meios e, suscitam diferentes interpretações e ressignificações visuais que, dependem do modo como se apresentam, e o que representa em uma produção artística. Juxtapõem-se a essas considerações, os desdobramentos do percurso histórico da arte com o desenvolvimento das técnicas de reprodução, o advento da fotografia, e os significativos avanços tecnológicos, suas influências hoje com as possibilidades do numérico.

Palavras-chave: experimentos artísticos; perspectivas de criação; imagem; fotografia

ABSTRACT

This article presents the current issues that relate to the world of contemporary poetic, artistic experiments based on the bias to enter the art and technology, highlighting the prospects of creating, training processes, transformations and manipulations of the image. They permeate by various means, and raise different interpretations and visual resignifications that, depending on how they are, and what it represents in an artistic production. Juxtaposed to these considerations, the unfolding of the history of art with the development of techniques for breeding, the advent of photography, and the significant technological advances, their influence today with the possibilities of digital.

Keywords: artistic experiments, prospects of creation, image, photo

**INTRODUÇÃO**

O cenário atual da contemporaneidade nos instiga a refletir de modo crítico sobre o que vêm ocorrendo hoje, tempo que abarca transformações históricas, culturais, políticas, sociais, aspectos relevantes, de um universo em constante mutação. Remete tecermos questionamentos, condizentes a arte contemporânea e suas aberturas na instância do transitório, ou seja, no que tange um cenário habitual de mudanças contínuas no campo da arte e seus significados, onde diferentes caminhos são instantaneamente traçados e remodelados na arte. Aqui o contexto artístico reflete tônicas diversificadas no que diz respeito aos questionamentos, opiniões, códigos e valores não mais lineares, em um universo que permanentemente em formação/construção de

idéias e ideais. Nessa perspectiva, a arte possibilita adentrar por diferentes ambientes, explorar e experimentar meios, materiais, se comunicar através das diferentes linguagens, redes, espaços, tempos e imagens.

### **Poéticas contemporâneas e as possibilidades com o numérico**

A tendência do artista sempre foi de experimentar “mundos imaginários”, construir novas realidades visuais, de permear por descobertas em seu processo – suas criações – e também de operar e desafiar os meios técnicos e tecnológicos, para a emergência de novos parâmetros e discursos na arte. Para Arlindo Machado (2001) o artista da era maquina recoloca constantemente em transformação seus processos e procedimentos, a fim de reinventar novas possibilidades por meio de finalidades programadas, ou seja, que de certo modo obedecem a um padrão, mas ao experimentar esses novos meios e realidades, ativa seu potencial criativo, pondo sempre os conceitos, significados, em questionamento, como uma forma de manter o diálogo, a reflexão.

Seguindo a linha de pensamento em relação às questões que concernem os processos artísticos, narrativas processuais que envolvem a imagem, Rey (2004) tece considerações em seu artigo intitulado “A instauração da imagem como dispositivo de ver através”, pontuando entre outras questões, conceitos operatórios, procedimentos/processo criativo, ferramentas técnicas e metodológicas que argumentam as condutas instauradoras de sua obra. Partindo da fotografia o seu processo de criação, discorre em procedimentos técnicos de manipulação, tratamento visual, virtualização/numerização da imagem, constituindo a instabilidade, o distanciamento do olhar; e transitando entre *aparência e aparição*. Tem como intuito, provocar sensações por meio de um olhar em profundidade – um olhar em terceira dimensão, provocado pela ilusão ótica e imaginária. Para Rey (2004) o numérico:

possibilita mudança do estatuto da imagem: uma vez virtualizada na tela do computador, de um produto final, a imagem torna-se processual. A imagem virtual transforma-se em um motivo, através do qual experimento operar um desmonte do olhar sobre o mundo visível (REY, 2004, p. 40).

Os sucessivos avanços tecnológicos em colaboração com campo da informática, na criação de novos *softwares*, de tratamento de imagens, e pelos aparatos tecnológicos que o mercado atual dispõe, possibilitam explorar a imagem, por meio de novas ferramentas, recursos visuais – funções e ajustes que também acionam perspectivas visuais de criação e produção no mundo analógico e no virtual. As atuais produções em arte imbuídas pela tecnologia – a *imagem virtualizada* – perpassam por diferentes interfaces da realidade, misturam linguagens (analógicas e digitais) e a todo o momento são modificadas, reproduzidas, hibridizadas por meio da numerização. Em relação às imagens que se virtualizam, Grau (2005) nos que diz:

Que a invasão recente e atual da mídia e da tecnologia no local do trabalho e nos processos de trabalho é uma revolução muito maior que qualquer outra já presenciada e, obviamente, também afetou muitas áreas da arte. A arte midiática, isto é, o vídeo, a animação e a computação gráfica, a “arte na rede” (Net-art), a arte interativa em sua forma mais avançada de arte virtual, com seus subgêneros de arte de telepresença e arte genética, está começando a dominar teorias da imagem e da arte. Estamos vivenciando a ascensão da imagem gerada por computador, da imagem espacial virtual como imagem *per se*, imagens capazes de mudanças autônomas e de formulação de uma esfera sensorial e visual envolvente e semelhante à vida. (GRAU, 2005, p. 15)

A tecnologia na arte permite explorar inúmeras possibilidades em torno da criação e da produção visual, atendo-se a transitar no limiar entre o real e o numérico. O artista cria um mundo “paralelo” a sua realidade, um mundo simulado de diferentes *passagens* adentrando na esfera experimental, do processual, criando seus próprios métodos, códigos e técnicas, um leque de infinitos significados. Segundo Couchot (2003):

no domínio da arte, o numérico renova totalmente as ferramentas e os materiais que não são mais os do mundo real, mas aqueles da simulação: o artista não trabalha mais com a matéria em com a energia, mas com programas só é concebível recorrendo-se a modelos de simulação que são todos produtos da ciência”. (COUCHOT, 2003, p. 19)

Na arte, as abordagens que envolvem o cenário tecnológico, também propiciam novas relações artísticas (poéticas) no campo do real/virtual. Abrange possibilidades e potencialidades de se comunicar em diferentes meios, e nos leva a perceber o quanto é possível dialogar com distintas

linguagens e promover novos processos na arte. São muitas as possibilidades de criação que o artista do atual contexto contemporâneo se propõe a experimentar, a discutir, a apresentar, a representar, atribui-se as suas idéias, ao seu discurso e posicionamento, ao seu modo de ver o mundo, do diálogo que tange com as questões de seu entorno, do seu olhar, da sua percepção. As tensões, as efemeridades, são elementos e situações que constantemente fazem parte desse repertório da arte hoje, das mesclas e do hibridismo.

Em meu processo artístico, vinculado na linha de pesquisa arte e tecnologia, tenho por objetivo criar possibilidades visuais, jogos combinatórios de imagens por meios digitais e analógicos utilizando a repetição como recurso artístico e visual, e o *desenho linear* (construído manualmente através da modelagem do arame que constitui uma característica marcante na minha poética) como ponto de partida da minha poética, e parte integrante da minha trajetória na arte. Nessas combinações de imagens a qual me reporto, tomo como referência as *imagens* desses *desenhos* de características lineares, construídos manualmente pela modelagem no arame - através do gestual - da torção, da manipulação do material, priorizando a síntese do desenho através da linha.

Esses espaços tecidos por diferentes espessuras lineares - *tramas* - se cruzam, se interceptam criando novos espaços, formas abstratas que vão do finito ao infinito da imagem em possibilidades de repetição e reprodução. Esses limites ou *falsos-limites* que imponho nessas imagens através da *linha* decorrem dos “recortes”, detalhes, fragmentos efetuados no *desenho* – *imagem*. Utilizando como recurso visual, *softwares* específicos de tratamento de imagens. O processo fotográfico nessa proposta artística consiste em um primeiro momento, em registrar, captar essas imagens-*desenhos*, com o uso da câmera digital, que se constitui como uma das etapas do processo, que em um segundo momento, essa imagem é digitalizada/virtualizada inserindo-se ao ambiente numérico por meio das passagens entre o analógico e o virtual transformando o espaço tridimensional inicial do desenho em espaço bidimensional fazendo o uso do computador/maquina/ferramenta de passagem de um do real para o simulado.

Em minha proposta poética, o detalhe da imagem - o *fragmento*, o corte, a redução atua como fonte geradora de inúmeras possibilidades de

combinações e repetições. Aqui se trabalha com os *contrastes*, a visão micro e da macro-imagem se expande ao infinito. O *mínimo*, porção reduzida da *imagem-desenho* assim denominada nesse processo, dá lugar ao *máximo* - como ampliação - nas variações e dimensionamentos da imagem, experimentações que estão sendo efetuadas no decorrer do meu processo artístico. Trago aqui parte do processo criativo de modo sucinto, para que fosse apresentada a idéia da pesquisa. Os conceitos operatórios, os deslocamentos, as abstrações que ocorreram no curso do processo criativo, suscitaram adaptações, reformulações que contribuíram para a reflexão do meu “fazer artístico”, tomando não mais a *interatividade* como foco principal da pesquisa, mais como parte do processo de instauração da obra.

### **Perspectivas criativas: da unicidade a multiplicidade da imagem**

O atual momento abarca constantemente um mundo repleto de imagens, que transitam pelos mais diversos ambientes visuais e de comunicação, dispostos ao nosso olhar e nossa percepção. A imagem está e esteve presente na história do mundo, como representação visual e gráfica de objetos, animais, situações cotidianas, no campo das artes visuais, em paralelo com outras áreas de conhecimento, como forma de expressão/representação e de linguagem. Segundo Santaella (1999), as imagens têm sido consideradas meios de expressão da cultura humana desde muito tempo, as próprias pinturas pré-históricas das cavernas há milênios atrás já registram suas aparições, anterior ao surgimento da escrita.

A imagem no campo da arte, como uma linguagem representativa e geradora de construção social e cultural, expõe fatos, acontecimentos, ligados a uma realidade; representa um contexto, um momento, uma cultura, um modo de expressar-se, uma identidade visual. Atualmente estamos rodeados por elas. Associamos tudo a imagens, sejam elas das mais variadas formas de representação visual, tátil, sonora, textual, cultural, e estas, por sua vez, agregam realmente um caráter múltiplo de representação e de apresentação. Nesse sentido, a reflexão apontada pela autora permite ressaltar que o repertório visual e representativo disposto ao nosso olhar e nossa percepção adentra um campo ampliado de mensagens visuais e possibilidades artísticas.

Para Aumont (1993), de certo modo, falar de uma “civilização da imagem” é expressar todo e qualquer sentimento generalizado de se viver em um contexto que se movimenta em função das imagens, e, estas por sua vez, estão em maior número, e mais intercambiáveis. O autor complementa esse pensamento comentando sobre o acúmulo das imagens no contexto contemporâneo, que as imagens:

há mais de cem anos multiplicaram-se quantitativamente em proporções impressionantes e sempre crescentes. Além disso, percebemos que essas imagens invadem nossa vida cotidiana, que seu fluxo não pode ser contido. Donde o sentimento difundido de que vivemos na verdade a era da imagem, a ponto de profetas mais ou menos inspirados anunciarem regularmente, com regozijo ou tristeza, a morte da escrita. (AUMONT, 1993, p. 314)

Em reflexão a essa temática entorno da imagem e de sua presença massiva em nosso contexto atual, o autor complementa dizendo que a imagem se caracteriza por apresentar diversas atualizações potenciais, pois, elas regem os nossos sentidos, as do intelecto, quando se detém no poder que certas palavras têm de produzir essas imagens. Nesse sentido, as questões que abarcam também as apropriações no cenário contemporâneo das artes visuais, a reprodutibilidade da imagem por exemplo, mobilizam cada vez mais novas formas de expressão visual, linguagens, modalidades de criação, que vão ao encontro e a intenção do artista ao criar sua obra, sua proposta, sua finalidade.

Na atualidade contemporânea essas *visualidades* tomam diferentes dimensões criativas, onde a imagem, fonte de *referência* em muitos dos processos artísticos, é pautada no diálogo do artista com as coisas do seu cotidiano, do seu entorno e da sua poética. Nesse sentido, Oliver Grau (2005) considera que o universo das imagens mudou em um ritmo acelerado nos últimos anos, pois “nunca fomos expostos a tantos mundos de imagens diferentes, e nunca o modo como as imagens são produzidas, mudou de forma tão essencial”. (GRAU, 2005, p. 15). Agora as imagens se fazem presentes a todo o momento.

Vivemos a cada instante a mercê de novas perspectivas, e estas se formam na esfera artística da arte contemporânea integrando passado e

presente, o antigo e novo, possibilitando que se acrescente uma gama de novos significados, questões que suscitam novos conceitos e re-significações na arte. É relevante trazer para essa reflexão referente ao mundo das imagens, primeiramente as concepções tecidas por Walter Benjamin, fazendo alusão a questões que permeiam sobre o significado da arte na época da reprodutibilidade técnica. Pensar também como ela se manifestou em contextos anteriores a pós-modernidade, o modo como à obra de arte estava atrelada a condição aurática e como se portou frente os avanços industriais. Nesse sentido ele diz que “este processo tem valor de sintoma; sua significação ultrapassa o domínio da arte. Poder-se-ia dizer, de modo geral, que as técnicas de reprodução destacam o objeto reproduzido do domínio da tradição”. (BENJAMIN in Lima, 1990, p. 213) Neste sentido, discorre que a reprodução técnica dos objetos artísticos, rompeu com a tradição, pois a obra de arte perdeu seu valor de culto, de original, de único, dando espaço para a produção em série. Essas mudanças relativas à reprodutibilidade tiveram grande repercussão no século XX, não apenas no que concerne à aplicação de técnicas de reprodução das obras de arte do passado, mas por modificarem todo um contexto artístico da época, traçando novos parâmetros na arte, e que se perpetuam na atualidade contemporânea e nas linguagens artísticas tomando como exemplo, a fotografia. Sobre questões referentes à fotografia, Krauss (2002) com base nos dois teóricos Barthes e Benjamin afirma que:

Assim como a fotografia se constitui para Barthes no objeto teórico que permite examinar a evidência bruta em sua relação com a imediatez ou com os códigos de conotação, como a morte ou a publicidade, ela, contudo representa igualmente o objeto teórico de Benjamin. É a fotografia que lhe permite refletir sobre a cultura modernista a partir das condições geradas pela reprodução mecânica. A fotografia é o dispositivo com o qual calibra os objetos da paisagem cultural em termos de reprodutibilidade. Essa reprodutibilidade percebida recentemente é que põe à disposição de Benjamin os objetos específicos de sua análise – como o desaparecimento da aura ou o relativismo histórico da noção de estética de original, por exemplo. (KRAUSS, 2002, p. 15)

No curso da história da arte, e segundo Benjamin (1990) a instauração da fotografia no século XIX, bem como, sua invenção e seu aperfeiçoamento, atrelado ao processo mecânico de reprodução de imagens, inicialmente suscitou muitas inquietações no contexto artístico da época, por parte dos artistas (da pintura). Mas de fato, essas inquietações eram algo que soavam

como problemáticas inevitáveis, pois o desenvolvimento tecnológico, com o advento da fotografia – como umas das técnicas de reprodução de imagens - colaborou e muito para o desenvolvimento progressivo da tecnologia da época. Versava por meio de suas especificidades, mudanças estéticas decorrentes de novas concepções artísticas que se constituíam no momento, principalmente quanto às questões tangentes à originalidade e autenticidade da obra, ao testemunhar uma visível disponibilidade de imagens definitivamente infinitas.

Para Benjamin, “a obra de arte foi sempre suscetível de reprodução” (Benjamin in Lima, 1990, p.210). Nessa perspectiva, a litografia se sobressaiu no século XIX como uma técnica de reprodutibilidade, de modo progressivo e significante, pois propiciou inicialmente o desenvolvimento para as artes gráficas, no uso cotidiano das ilustrações, imagens, desenhos e, na elaboração e criação de novas obras. A questão da reprodutibilidade (repetição de elementos, de materiais, de imagens, de processos e de poéticas) pode estar presente na obra (poética), ou se constituir no percurso criativo - *no processo de feitura dessa obra*, através de ações, materiais, procedimentos, técnicas, linguagens. Nesse momento se questiona a originalidade/autenticidade da obra.

A arte contemporânea, nesta perspectiva presentifica práticas de reprodutibilidade sob diferentes enfoques, atende cada vez mais a novas funções, não no que se refere à singularidade e unicidade dos objetos, mas de um processo contínuo de renovação de algo que já existe e que é possível de ser reproduzível através das obras, das imagens e das linguagens na arte. Aqui se reporta também às questões sobre a fotografia como uma técnica que não se aplica mais o critério de autenticidade, no que concerne aos exemplares que ela pode suplantar, mas a autenticidade que se estabelece se apresenta no momento da criação. Assim ocorreu também com o cinema, na utilização de uma arte também fundada na reprodutibilidade das imagens das ações, dos personagens e de histórias. A obra de arte tinha o intuito de se dirigir às massas populares, e a reprodução se tornava uma categoria da obra. Refletir como a sociedade atual absorveu essas questões, e frisar a formação das tendências evolutivas da produção e reprodução ocorridas durante um gradativo tempo na nossa história e na arte, faz parte dos questionamentos do atual contexto artístico.



## **Fotografia: margem de ressignificações na arte**

A fotografia, já no cenário das artes visuais do século XXI apresenta-se como uma linguagem artística e parte integrante de nossa cultura visual. Faz-se presente tanto “no desenvolvimento dos processos artísticos, ou seja, constituindo uma das etapas – *procedimentos* – quanto se apresentando como resultado final, *a própria obra em si*. No campo da arte muitos artistas contemporâneos tecem estratégias visuais de criação fazendo uso de técnicas de reprodução da imagem. Obras seriadas por meio de processos ou de temáticas fazem parte deste universo. Caracteriza-se cada vez mais por abarcar essa nova demanda em crescimento preenche o campo de uma abordagem mais documental, pois possui uma maneira de dialogar e comunicar-se através da mensagem visual através da imagem.

Essa linguagem artística também se apropriou de muitos códigos e especificidades da linguagem da pintura, como por exemplo, a postura/pose, a iluminação, os volumes dados pelo panejamento, cenários e ambientes que conferiam ao cliente uma imagem de ascensão social, imagem elitizada, e pictórica, contribuiu para que somasse todos esses artifícios visuais na constituição de um novo discurso para essa visualidade/linguagem.

A invenção da fotografia, sua reprodutibilidade e o custo baixo do retrato fotográfico, no final do século XIX, contribuiu para o aumento do desejo de auto-representação, e conseqüentemente perdurou para que essa linguagem artística pudesse adentrar e constituir novas formas de se apresentar e representar as imagens agora “contaminadas” mescladas e híbridas próprias da concepção da arte contemporânea. Para Machado (2007) a fotografia acentuou a mudanças e novos paradigmas culturais:

baseado na automatização da produção, distribuição e consumo da informação, com conseqüências gigantescas para os processos de percepção individual e para os sistemas de organização social. Mas foi com as imagens eletrônicas (difundidas pela televisão) e com as imagens digitais (difundidas agora no chamado ciberespaço) que essas mudanças se tornaram mais perceptíveis e suficientemente ostensivas para demandar respostas por parte do pensamento crítico-filosófico. (<http://www.actamedia.org/colab/node/260>)

Nessa perspectiva em que a fotografia, entre outras linguagens se apresenta no contexto atual, em justaposição como meios tecnológicos e de comunicação das mídias em geral, evidencia-se também como signo designador de tipologias de imagens (analógicas e digitais). Linguagem e recurso visual, produtora de grande parte das publicações no âmbito visual da produção midiática e em outras áreas visuais.

Em justaposição aos meios de reprodutibilidade da imagem no contexto contemporâneo, esse procedimento instaurou-se de modo determinante, ou seja, constituindo-se muitas vezes como parte do processo poético do artista. Cattani (2004), em seu artigo intitulado Jogos e/ou a originalidade da cópia, traz como exemplo as poéticas visuais da artista Vera Chaves Barcellos fazendo alusão a essa questão, onde o desenho, a gravura e, principalmente, a fotografia possibilitam a multiplicação da imagem, a repetição dos processos, a manipulação e os infinitos jogos combinatórios que se criam entre a cópia e o original. Dentre os trabalhos de Vera Chaves Barcellos, analisados por Cattani (2004), ressalta-se o trabalho intitulado “Atenção, Processo Seletivo do Perceber”, que consistia em uma série de fotografias. Segundo Cattani:

a artista jogava novamente com a fragmentação do corpo humano, mas do corpo da imagem. A fragmentação, privilegiando detalhes conduzia a seu redimensionamento e à descoberta s de seus meandros, criando imagens-labirinto. Nesse trabalho ocorreu algo que facilita a compreensão do seu processo real: a utilização da fotografia como ponto de partida, e do Xerox como meio complementar que permite, com maior facilidade que a foto, ampliar detalhes. Cada espaço da imagem original é transformado numa outra imagem, autônoma. [...] A ressensibilização do olhar, através do “processo seletivo do perceber”, sempre foi para artista objetivo primordial. (CATTANI, 2004, p. 127)

A arte contemporânea permite jogar com o com mundos paralelos, com mundos imaginários conduzidos pelas mudanças próprias do momento, e do contexto, onde o artista cria seu próprio universo permeando diferentes *passagens*. Estas acentuam as possibilidades de se experimentar distintas linguagens, a criação de seus próprios métodos, códigos e técnicas, um leque de infinitas respostas, e por que não através da multiplicidade, da repetição e da reprodutibilidade da imagem? A reprodutibilidade da imagem no trabalho de Vera Chaves Barcellos, por exemplo, é uma constante em sua obra e, ao

mesmo tempo, uma permanência mutável de significados e possibilidades, onde a cópia e o original se fundem.

A fotografia é considerada uma das linguagens da arte que impulsionou os grandes impactos sociais, culturais e tecnológicos de uma época. Para Ribeiro (2004), os processos fotográficos que se desencadearam ao longo dos anos, tecem trajetórias diversificadas, não apenas como registros documentais, mas por incidirem em apresentar visualmente características que vão ao encontro das condições da reprodução e transformação da imagem, voltadas para o pensamento benjaminiano, que por sua vez, fazem parte das manifestações que a arte atual vem apresentando através das linguagens e processos.

## **CONSIDERAÇÕES**

Dessa forma, este artigo perpassou por entre os diferentes universos que abrangem o contexto contemporâneo e seus desdobramentos, pontuando considerações importantes ocorridas na história da arte e dos adventos da tecnologia, expondo as técnicas de reprodução de imagens, pautada na visão de alguns autores, e de como a *imagem* se constituiu nos processos finais referentes à apresentação da obra em si. A fotografia como *automatização da representação* entre outras linguagens artísticas, atua na esfera do reproduzível desde seu surgimento no século XIX. As transformações ocorridas no século XX com o crescimento e fortalecimento industrial, as diversificadas técnicas de reprodução influenciaram, e muito no campo da arte, abrindo caminhos para que novos diálogos e discursos se formassem através da imagem, o que ela representa, como se apresenta e como faz presente nos dias atuais. A integração da arte com os meios de reprodução, meios tecnológicos possibilita explorar um novo universo de criação, de descobertas, de novas perspectivas voltadas ao campo da visualidade, das interações e das experiências e aproximações com os ambientes, contextos e linguagens artísticas.

## **REFERÊNCIAS**

AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo: Papyrus, 1993.

- CATTANI, Iceleia Borsa. **Coletânea de textos da autora**. Organizador: Agnaldo Farias, Rio de Janeiro: FUNARTE, (Pensamento Crítico; 3), 2004.
- COUCHOT, Edmond. **A tecnologia na arte: da Fotografia à Realidade Virtual**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- GRAU, Oliver. **Arte Virtual: da ilusão à imersão**. Editora UNESP: Editora SENAC, São Paulo, 2005.
- LEMOS André. **Arte Eletrônica e Cibercultura**. Revista FAMECOS, nº. 6, Porto Alegre, junho de 1997.
- LIMA, Luiz Costa. **Teoria da Cultura de Massa**. Paz e Terra. São Paulo, 1990.
- \_\_\_\_\_. In: Benjamin, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. São Paulo, 1990.
- MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário: O Desafio das Poéticas Tecnológicas**. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.
- KRAUSS, Rosalind. **O fotográfico**. Barcelona: GG, 2002.
- REY, Sandra. **A instauração da imagem como dispositivo de ver através**. Revista Artes Visuais, Porto Alegre. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da UFRGS, n 21, p. 33-51, 2004.
- SANTAELLA, Lúcia & NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, semiótica mídia**. São Paulo, 1999.
- SANTOS, Alexandre & SANTOS, Maria Ivone dos. **A Fotografia nos processos artísticos contemporâneos**. Série Escrita. Ed: UFRGS, Porto Alegre, 2004.
- \_\_\_\_\_. In: Niura Ribeiro Legramante. **Procedimentos fotográficos nos processos de criação nas Artes Visuais contemporâneas**. Série Escrita. Ed: UFRGS, Porto Alegre, p.61-79, 2004.

#### REFERÊNCIA ELETRÔNICA

- COLABORATÓRIO DE LINGUAGENS TEXTUAIS. **Textos de Arlindo Machado, 2007. Arte e Mídia**. Disponível em:  
<http://www.actamedia.org/colab/node/260>. Acesso em: 06 de janeiro de 2009.

**Currículo: Luciana Azambuja Alcântara:** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais- PPGART, da UFSM/RS, vinculada na linha de pesquisa Arte e Tecnologia. Bacharel e Licenciada em Desenho e Plástica (2001 e 2008). Especialista em Design de Estamparia e em Arte e Visualidade (2004 e 2006), pela mesma instituição. E-mail: luciana.alc@ibest.com.br

#### **Currículo: Reinilda de Fátima B. Minuzzi (orientadora)**

Formação em Artes Visuais. Doutorado em Engenharia de Produção [Gestão Integrada do Design, UFSC/2006]. Docente do Departamento de Artes Visuais/UFSM desde 1991. Líder do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq. Atua no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/Mestrado em Artes Visuais/UFSM na linha Arte e Tecnologia. E-mail: reibmin@yahoo.com.br